

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL E APLICADA
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO ESPORTIVA

PROGRAMA EU SOU 10

Autor: Francisco José Marques

Projeto Técnico apresentado à Universidade
Federal do Paraná para obtenção de título de
Especialista em Administração Esportiva
Orientador: Profº. Edson Hereck

CURITIBA

2006

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, Senhor dos Céus e da Terra, sem o qual nada seria possível e nada seríamos.

Aos meus pais, que na humildade de suas existências fizeram o possível e o impossível para que eu tivesse a oportunidade de escolher uma carreira e de trilhar-la.

Obrigado ao meu pai, Adão, que olha por mim lá dos Céus, pelo seu exemplo de homem sério, honesto e trabalhador que influenciou e continua influenciando minha caminhada neste mundo.

Obrigado à minha mãe, Maria, que na sua discreta generosidade me ensina como construir um mundo melhor.

E, finalmente, mas, não menos importante, dedico à minha esposa, Bruna, que sempre acreditou em mim, sempre esteve ao meu lado se dedicando e trabalhando junto comigo para a realização deste e de vários outros projetos.

Epígrafe.

“É possível vida sem sonho, mas não existência humana e história sem sonho”.

Paulo Freire.

Sumário.

1. Apresentação.....	07
2. Objetivos	10
2.1.Objetivos Específicos.....	10
2.2. Objetivos Gerais.....	10
3. Justificativa dos Objetivos	10
4. Metodologia.....	10
5. Limitações do trabalho.....	11
6. Revisão Teórico-Empírica	11
6.1. Algumas teses da Teoria Crítica do Esporte.....	15
6.2. Críticas à Teoria do Esporte da Nova Esquerda.....	19
6.3.Algumas discussões sobre as Críticas.....	21
6.4. Atualidade.....	23
7. Análise do Ambiente.....	31
7.1. Histórico da Instituição.....	31
7.2. Análise do ambiente externo.....	31
7.3. Análise do ambiente interno.....	31
8. Proposta.....	32
8.1. Benefícios e beneficiários.....	32
8.2. Onde será implementado?.....	33
8.3. Quando (inicia e termina).....	33
8.4. Custos.....	33
8.5. Retorno de mídia.....	34
8.6. Cronograma detalhado.....	34
8.7. Resultados Esperados.....	35
9. Gestão.....	36
9.1. Organograma.	36

9.2. Controles e Acompanhamento.....	36
10. Conclusão.	37
11. Referências Bibliográficas.....	39
12. Anexos.....	41

1. Apresentação.

A sociedade atual vê seus jovens trilhando o caminho da criminalidade e das drogas. Segundo estatísticas do instituto Anti-Drogas¹ o consumo das chamadas drogas ilícitas (Álcool e Tabaco) têm aumentado consideravelmente, nos últimos anos, em nossa cidade.

Drogas	1989(%)	1993(%)	1997(%)	2004(%)
Álcool	86,6	83,8	79,6	68,8
Tabaco	25,3	29,9	41,0	25,4
Maconha	2,8	4,9	11,9	7,1
Cocaína	0,4	1,2	2,8	1,7
Solventes	13,0	12,9	14,4	16,6

Agregado a isso enfrentamos o problema da indisciplina em sala de aula, que pode ser abordado sob três pontos de vista: o cultural, o pedagógico e o didático. Pontos estes que levam a um único lado, que deveria ser objetivo máximo de qualquer educador, ou seja, a transformação da sociedade atual, alterando o comportamento das pessoas para concretizar o sonho de um mundo mais justo, humano e fraterno.

É obvio que a educação se reflete na sociedade. Mas nós, como educadores, não podemos simplesmente nos adequar, passivamente a estas mudanças, pelo contrário devemos agir para combater o problema da indisciplina na sala de aula, que certamente atravessa as fronteiras da escola e interfere diretamente nos relacionamentos humanos, o que contribui para esta onda de violência que vemos diariamente na mídia.

As facções criminosas engendradas na sociedade brasileira só se desenvolvem devido à falta de investimentos das autoridades na educação, pois a única oportunidade para nossos jovens acaba sendo a criminalidade, uma vez que não têm condições mínimas para se desenvolver nem pessoal nem profissionalmente.

A violência nas atividades físicas e esportivas, em suas diferentes formas de manifestações, também constitui a problemática da Educação Física e Esporte no Brasil. Essa violência manifesta-se na segregação de oportunidades de acesso a esse bem cultural (a prática esportiva) e até a violência física, culminando com mortes em estádios de futebol, o que exige intervenções dos setores organizados da sociedade para buscar alternativas, tanto na legislação, como nas políticas educacionais e sociais mais amplas para que as soluções a esses problemas sejam efetivamente encaminhadas.

¹ www.antidrogas.com.br em 10/11/2005

Outro ponto relevante neste cenário é a “Mercantilização do Esporte”. Frente a uma série de constatações como: a) destruição sistemática dos valores originais do esporte (*Flair Play*); b) impotência das organizações atuais frente à crise de valores do esporte; c) as poucas informações e conhecimentos das organizações esportivas, sobre si mesmas e suas posturas de autodestruição, uma vez que o patrocínio desportivo apresenta sinais de estagnação, seja pela recessão ou pela degeneração moral do esporte.

Merece destaque ainda as abordagens cínicas das relações entre o esporte atual e suas relações socioeconômicas, o que confirma a tensão e os indicativos da exaustão. Ao se observar o profissionalismo no desporto enquanto fim em si mesmo se expressa esta pressão similar indicativa da exaustão. Observando também a expansão de determinadas práticas esportivas que “consomem” crescentemente a natureza, praticadas por adeptos egocêntricos reconhecem-se indicadores da exaustão. Existe uma tradição ecológica genuína do desporto que está em vias de desaparecer. Esta tradição ecológica genuína diz respeito à moral dos desportistas, às responsabilidades e sensibilidades com a natureza, à preservação, do que diz respeito a todos. Tais bases estão ameaçadas na perspectiva ecológica – de preservação do meio ambiente - pelo comercialismo, profissionalismo e individualismo. O cenário atual do esporte de alto rendimento pode ser definido como:

- a) o esporte não garante uma atenção ao corpo como parte da natureza humana;
- b) o sistema esportivo está perdendo a sua capacidade regulatória nas relações entre atividades corporais e o meio ambiente
- c) o esporte está dissolvendo o seu potencial de socialização;
- d) o esporte contemporâneo contribuiu para a destruição das bases naturais da existência humana, opondo-se às suas próprias tradições e, portanto, perdendo a sua legitimidade social.

Sendo assim, o esporte aparece com destacada importância nos planos da educação e da saúde, como fenômeno cultural, como um sistema humano, social e moralmente bom e também como expressão máxima das tecnologias do corpo. Aparece ainda como meio para a formação de disposições de comportamento e rendimento e como cultura a descobrir e explorar.

Voltando ao tema das drogas e levando-se em conta que a maioria dos usuários inicia o consumo antes dos dezoito anos, este trabalho tenta possibilitar à juventude da nossa cidade uma perspectiva de futuro. Agregados a isto estão às estatísticas, já que

Curitiba tem hoje 413 escolas públicas² em funcionamento, tendo um total aproximado de 278000 alunos matriculados,³ da 1.^a série do ensino fundamental ao 3.^o ano do ensino médio. Neste sentido O PROGRAMA EU SOU 10 surge como uma oportunidade ao desenvolvimento da prática esportiva inter-colegial, como forma de forjar o caráter dos alunos, focada em: a) preparar os estudantes-atletas para a liderança e para a vida; b) educar e sociabilizar através do esporte; c) formar os futuros cidadãos brasileiros com base na disciplina, solidariedade e na luta para atingir seus objetivos, qualidades inerentes ao esportista; d) suprir os estudantes-atletas e os esportes praticados com o fundo necessário para ajudar a alcançar estes objetivos e) desenvolver e consolidar o intercâmbio esportivo e cultural entre as escolas; f) promover estudantes-atletas e esportes através da consciência pública.

Além de todo o exposto acima, o PROGRAMA EU SOU 10 seria a gênese de uma olimpíada Inter-escolar a iniciar-se na Capital e mais tarde em todo o estado, proporcionando desta forma: a) o estímulo e melhoria dos programas esportivos inter-colegiais para estudantes-atleta, promovendo e desenvolvendo a liderança educacional, forma física, excelência e participação atléticas como atividades recreativas; b) transformar o esporte Inter-colegial em esporte profissional, gerando publicidade e retorno de mídia aos parceiros envolvidos.

Para finalizar, defendemos as idéias GRAMSCI⁴, sobre uma nova cultura, o X da questão – uma nova cultura socialista. ”Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’, significa, também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.”

² 101 Instituições de Ensino Médio e 312 Instituições de Ensino Fundamental. Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

³ Número aproximado de acordo aos resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000, que revelava um total de 62.286 matrículas realizadas em 2004, na capital paranaense.

⁴ **Os intelectuais e a organização da cultura.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 82.

2. Objetivos.

2.1. Objetivos Gerais.

O objetivo deste trabalho é apresentar um ponto de vista de como o esporte no patrocinado por entidades esportivas como o Paraná Clube, pode ser utilizado como formador de estudantes das crianças e adolescentes da rede de ensino pública em Curitiba.

2.2. Objetivos Específicos.

Seguindo os modelos do projeto Piá Bom de Bola, incentivar os jovens de Curitiba a seguirem regras e a respeitar o próximo, conceitos básicos que o esporte nos passa e que devemos levar para a nossa convivência em sociedade.

3. Justificativa dos objetivos.

Através deste trabalho pretendemos demonstrar que é possível oportunizar aos jovens a inserção num ambiente onde a disciplina e a persistência são determinantes para a vitória.

Além disso, nossa proposta visa à valorização do bom aluno invertendo o foco da escola, que em geral, está nos alunos problemáticos (alunos briguentos, faltantes, viciados etc.). Desta forma, visamos à conscientização dos alunos de que é preciso demonstrar resultados na sala de aula para fazer parte do seleto “grupo dos dez”, tanto em nota como no futebol, buscando assim a construção de uma sociedade mais justa e consciente de seus direitos e deveres.

4. Metodologia.

Pesquisa bibliográfica exploratória de levantamento de dados sobre a influência do Esporte das entidades esportivas - Paraná Clube – na formação dos jovens estudantes na cidade de Curitiba.

As informações sobre o Paraná Clube foram obtidas através de entrevistas de jornais de Curitiba, especificamente a GAZETA DO POVO além de visitas a sites especializados sobre o Clube.

As informações sobre o projeto são fruto de discussões durante o andamento do módulo de Gestão de Projetos do Curso de Especialização em Administração Esportiva.

Os números referentes ao ensino público da cidade de Curitiba são provenientes do censo de 2000 realizado pelo IBGE e disponíveis na sua página de internet.

As discussões acerca da instituição Escola, são fruto da leitura de textos de pensadores sobre o tema, tais como: Paulo Freire, Moacir Gadotti, Miguel Angel Santos Guerra e Theodor W. Adorno, além das influências provenientes da conclusão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná no qual as idéias destes autores foram frequentemente debatidas.

5. Limitações do trabalho.

Basicamente exploratório uma vez que o volume de dados é bastante amplo. A intenção deste trabalho é simplesmente exploratória inicial com observações empíricas de alguns resultados referentes a influência das instituições esportivas na formação dos jovens da cidade de Curitiba.

Este trabalho, portanto, deve ser aprofundado tamanha a importância do tema, através de uma pesquisa quantitativa justificável de mestrado.

6. Revisão teórico-empírica.

Em 1969, em um dos ápices dos conflitos estudantis que em grande medida deram a forma dos anos sessenta, o filósofo Theodor W. Adorno, um dos mais importantes personagens da conhecida Escola de Frankfurt, foi perguntado se o mundo havia repentinamente ficado às avessas. A pergunta não era fora de propósito, uma vez que Adorno acabara de suspender prematuramente seu seminário no semestre de verão na Universidade de Frankfurt por conta de manifestações de parte do movimento contra cultural estudantil. Inusitada, ou talvez nem tanto, foi a resposta de Adorno. Para ele não havia assombro perante as manifestações estudantis, uma vez que o real já era mesmo eivado de contradições.

Os anos sessenta do século passado ficaram demarcados na história do breve século vinte como um período de importantes transformações sócio-culturais, fruto dos embates do sessenta e oito em vários países, entre eles a Guerra do Vietnã e as manifestações contra ela, e a Guerra Fria que teve naquela década o seu ápice com a crise dos mísseis em Cuba.

O esporte não esteve longe desse espectro. Ao contrário, foi uma das mais fortes expressões da Guerra Fria travada entre as duas superpotências de então, tanto de forma direta entre si, quanto indireta pelos países que compunham seus blocos de força. Muito em função dessa disputa, o treinamento desportivo desenvolveu-se de forma espantosa, levando os resultados a patamares não imaginados e também a um incremento maciço dos procedimentos de doping. Correspondente a esta tecnologização da performance foi à reprodução e disseminação das imagens esportivas, que possibilitaram às décadas posteriores o crescente investimento na transmissão em tempo real dos espetáculos esportivos.

É também na década de 1960 que se desenvolve, no contexto da Nova Esquerda, um movimento teórico nas Ciências Sociais que ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte. Nascido principalmente na Europa, mas presente também na América do Norte, tomou o esporte como tema de pesquisa, análise e reflexão, valendo-se de um aparato teórico da crítica da cultura e da economia política. Vários autores desse período e também da década seguinte ousaram fazer algo até certo ponto surpreendente: colocar em questão o esporte e suas possibilidades de aparecer como um elemento positivo do ponto de vista pedagógico e social.

Ao tomar as práticas esportivas como objeto de análise, aqueles autores não estavam fazendo algo propriamente novo, uma vez que pelo menos desde a década de vinte já se tinha, a partir do trabalho de Risse, publicado pela primeira vez em 1921, uma preocupação no estudo do esporte como fenômeno social. Mas, de qualquer forma, o esporte e sua áurea de "pureza" oriunda do ideal olímpico permaneciam quase inquestionáveis como fenômenos positivos para as sociedades modernas. A exceção ficara por conta de parte do movimento operário dos anos vinte e trinta e de ensaios esporádicos como o de Jürgen Habermas (1967), no qual o depois famoso criador da Teoria da Ação Comunicativa mostrava, nos anos 1950, as afinidades entre o esporte e o trabalho e, por meio delas, os limites e contradições do chamado "tempo livre". As contribuições de Habermas, aliás, foram muito importantes para o desenvolvimento da Teoria Crítica do Esporte.

Passemos, então, a comentar Teoria Crítica do Esporte, retomando elementos de suas origens e desdobramentos, comentando alguns dos seus autores e as críticas que a eles foram endereçadas. Evidentemente privilegiando alguns recortes, uma vez que o tema é por demais amplo. Optaremos por pontos centrais que caracterizam a Teoria Crítica do Esporte, as críticas que a ela foram dirigidas e seus possíveis desdobramentos atuais, tentando verificar o que está datado (e, portanto, superado) e o que porventura sobrevive e/ou se transforma nesse movimento teórico.

O que diferenciava decisivamente os então novos teóricos críticos do esporte de seus antecessores de décadas anteriores é que aqueles não colocavam em jogo apenas o esporte tal como os "capitalistas" e "aristocratas" o realizavam. Não propuseram, por exemplo, Jogos Olímpicos dos Trabalhadores, como as associações obreiras haviam feito e levado em frente. Não era o esporte de tipo "burguês" que deveria ser criticado, mas o esporte em si mesmo, como uma expressão da sociedade burguesa. É nesse quadro que se diferenciam também as críticas desse grupo em relação ao esporte praticado no "socialismo real".

Como se sabe, o esporte de alto rendimento alcançou um desenvolvimento tremendo em vários países que compunham o Pacto de Varsóvia, liderados pela extinta União Soviética. Segundo John Hoberman (1992) é um mito dizer que as performances de atletas daqueles países estiveram vinculadas apenas a um uso miraculoso de substâncias consideradas doping, algo bastante propalado pela imprensa esportiva ocidental. De qualquer forma, a própria presença desta discussão nos leva a observar o grande investimento em recursos humanos, financeiros e materiais destinados à melhoria do desempenho esportivo em países do Leste Europeu e da Ásia. Os resultados alcançados, mesmo depois do declínio do Império Soviético, atestam o fato. A vinculação do esporte com o desenvolvimento científico e tecnológico ajuda a compor esse quadro, uma vez que aqueles países se destacaram - e ainda se destacam - em áreas nas quais o conhecimento das "ciências duras" é fundamental, como é o caso da pesquisa espacial que tem, diga-se de passagem, forte vinculação nos países do leste, assim como acontece com o esporte, com o mundo militar.

Os países do Pacto de Varsóvia faziam uma ampla defesa do ideário olímpico, tendo sido este, provavelmente, o maior obstáculo para a admissão algo tardia dos atletas profissionais nas Olimpíadas. Os países do leste eram grandes defensores da pedagogia do esporte, tanto de seu potencial para o desenvolvimento pessoal quanto da celebração da equidade entre os povos. Foram ainda os maiores críticos do esporte no

Ocidente, não raro classificando-o de traidor do ideal olímpico. Essa pedagogia deveria ser capaz de promover a educação político-ideológica dos atletas no sentido do Marxismo-Leninismo para personalidades socialistas no pensamento e na ação, que estejam convencidas da correspondente vitória do socialismo no mundo todo, que mostre claramente a imutável agressividade do imperialismo e promovam a coexistência fraterna da comunidade internacional que se compõe de países sob diferentes organizações sociais. Além disso a formação esportiva deve ser uma parte fundamental da educação político-ideológica. Treinadores e funcionários têm a obrigação de, sempre que necessário, esclarecer a política esportiva das federações esportivas e de ginástica alemãs. Em ofensivo contraponto está colocada a integração esportiva na República Federal da Alemanha, na qual o sistema de dominação do capital monopolista e a violação do esporte e dos Jogos Olímpicos por meio do imperialismo alemão devem ser desmascarados. Ora, deste tipo de posição a Teoria Crítica do Esporte afastou-se desde sempre. Para ela tratava-se de questionar o esporte de alto rendimento e de espetáculo em sua inteireza, considerando que os ideais olímpicos constituíam um engodo para reforçar as condições de dominação impostas tanto às classes subalternas quanto, de um ponto de vista mais particular, ao corpo. É por isso que fazia sentido a crítica ao esporte praticado no "socialismo real". Sobrevivem em ambos Estados alemães duas características que marcaram o esporte no Nacional-Socialismo, uma delas é o treinamento desportivo e a Educação Física permanecem como formas de educação autoritária.

Os estudantes devem aprender a seguir as ordens do professor sem que seja necessário esperar por esclarecimentos sobre seu sentido. Uma criança não pode, em princípio, tudo compreender, em segundo lugar, há várias situações nas quais não há, por conta de alguma periculosidade, tempo para esclarecimentos. A submissão é por isso fundamental.

Através deste pensamento fica claro por que a defesa estatal do esporte era criticada: ela educaria para a submissão e para o comportamento autoritário, base para a estrutura nacional-socialista. Também no leste a "democratização esportiva", defendida pelos partidos comunistas do ocidente, deveria ser criticada junto com o esporte em si mesmo, que seria uma expressão da sociedade capitalista.

Se por um lado o socialismo não oferecia uma alternativa de fato transformadora em relação à ordem econômico-social capitalista, os críticos do esporte buscaram no Marxismo Ocidental uma alternativa. Não foi por acaso que vários deles, como Jean-

Marie Brohm (1989), opuseram-se fortemente aos partidos comunistas e suas estratégias de angariar aficionados e "organizar" os trabalhadores por meio do esporte. Que se registre aqui que o esporte foi sempre um tema importante para intelectuais como Bertold Brecht e que os partidos comunistas se notabilizam por ocupar estruturas governamentais relacionadas ao esporte.

Esse espectro, aliado ao então passado recente que mantinha vivo na memória os Jogos Olímpicos de 1936, e mais a posição da Escola de Frankfurt na cultura acadêmica, fez gerar a equação necessária para o surgimento da Teoria Crítica do Esporte.

Talvez seja necessário fazer dois comentários sobre esses dois últimos itens que compõem o quadro que faz surgir, com mais veemência, a crítica radical às práticas esportivas. As Olimpíadas de 1936 já estavam programadas para Berlim quando Hitler assumiu o poder como Chanceler do Reich, em 1933, assim como a construção do Estádio Olímpico já estava em curso. Diz a indústria cultural contemporânea que os Jogos teriam sido uma traição aos ideais olímpicos. Isso é algo que precisa ser questionado, uma vez que os documentos centrais do espetáculo - com destaque para o projeto cinematográfico de Leni Riefensthal - indicam uma restauração do ideário neoclássico, retomando e atualizando elementos mitológicos travestidos no atleta, no homem e na mulher arianos. Faz sentido, portanto, a associação entre os Jogos Olímpicos de Berlim e a gênese e estrutura do esporte contemporâneo. Por outro lado, é fato que nos anos sessenta os frankfurtianos alcançaram uma popularidade impressionante na República Federal da Alemanha, tornando-se figuras públicas muito além dos limites da vida universitária. Vários dos clássicos da Escola de Frankfurt, que tinham suas edições esgotadas, circulavam entre os estudantes em edições pirata (Raubdrücken), provocando, com isso, sucessivas reedições de livros de Adorno e Horkheimer, principalmente de "Dialética do Esclarecimento". É nesse contexto que surge e se desenvolve a Teoria Crítica do Esporte.

6.1. Algumas teses da Teoria Crítica do Esporte.

No início dos anos noventa, Bero Rigauer (1992) escreveu um pequeno conto no qual narra um hipotético encontro entre Theodor W. Adorno e o escritor Robert Musil em um Café na cidade de Viena, em 1925. Naquele ano Adorno vivia na cidade, estudando piano e composição. Ambos conversavam sobre esporte, dando

prosseguimento a um diálogo iniciado poucos dias antes em um vernissage. Adorno narra suas experiências desagradáveis nas aulas de ginástica, nas quais a violência corporal teria um papel central. Ele agrega a seu relato o esporte, que seria uma manifestação humana arcaica, configurando, nos grandes espetáculos, uma expressão da degradação do coletivismo das manifestações de massa. Musil, por sua vez, argumenta que Adorno usa os óculos distorcidos pelo distanciamento das práticas esportivas. Mas Adorno insiste dizendo que o esporte pertence ao mundo da não-liberdade, que os espectadores esportivos teriam comportamento regressivo. Além disso, a prática esportiva faria cada um deixar-se encadear pela lógica da maquinaria.

O encontro e diálogo hipotéticos tomam como tema, na verdade, as assertivas de Adorno em seu ensaio sobre Thorstein Veblen (Adorno 1997) no qual ele faz algumas considerações sobre o esporte, levando em conta o que o segundo havia escrito sobre o mesmo tema. O ensaio não é citado ao acaso, mas sim porque foi, de fato, quase que um motivador da Nova Esquerda, cujo principal representante ainda hoje é o mesmo Bero Rigauer.

Os teóricos da Nova Esquerda foram freqüentemente relacionados com a Escola de Frankfurt, o que foi feito não sem razão, uma vez que não apenas os trabalhos, mas até certo ponto o espírito das obras de Horkheimer, Adorno e Marcuse animaram a Teoria Crítica do Esporte. Bero Rigauer, Jean-Marie Brohm e outros tomaram a Escola de Frankfurt - muitas vezes de maneira seletiva e parcial e ainda coligada com outros autores da tradição de esquerda - para a formação do movimento teórico que desenvolveram. Quando lemos os trabalhos desses autores, encontramos, com grande freqüência, temas e citações dos frankfurtianos, entre eles a crítica da ideologia e da cultura (indústria cultural) e, naturalmente, o processo de mecanização do corpo.

Os trabalhos da Teoria Crítica do Esporte e as teses que desenvolveram, principalmente os de Rigauer e Brohm - mas também os de Vinnai (1970, 1974) - tiveram uma grande repercussão não apenas na Europa, mas também na América do Norte e em países latino-americanos. No Brasil, por exemplo, as idéias críticas em relação ao esporte chegaram vinculadas à resistência ao nosso mais recente período ditatorial, já no final dos governos militares. Em grande parte vieram associadas à renovação dos discursos educacionais que pretendiam superar o tecnicismo pedagógico e encontraram um lugar fértil em uma área de conhecimento que no final dos anos setenta e início dos oitenta dava seus primeiros passos acadêmicos, a Educação Física. É curioso que no caso brasileiro esse corpo teórico tenha encontrado, ao contrário de

outros países, mais espaço na Educação Física do que nas Ciências Sociais. Lembremos que justo nos anos oitenta começava a se consolidar uma outra perspectiva que, entre nós, procurava compreender o esporte na sociedade brasileira e que instituiu uma tradição na forma de analisá-lo nos marcos das Ciências Sociais. Refiro-me, como é evidente, aos trabalhos de Roberto DaMatta.

A tese central de Rigauer diz que o esporte e o trabalho estruturam-se no mesmo esquema de ação. Para Rigauer, o esporte não é um sistema à parte, mas de diversas formas interligado com o desenvolvimento social, cuja origem está na sociedade burguesa e capitalista. Embora constitua um espaço específico de ação social, o esporte permanece em interdependência com a totalidade do processo social, que o impregna com suas marcas fundamentais: disciplina, autoridade, competição, rendimento, racionalidade instrumental, organização administrativa, burocratização, apenas para citar alguns elementos. Na sociedade industrial, formas específicas de trabalho e produção tornaram-se tão dominantes como modelo, que até o chamado tempo livre influenciaram normativamente.

Rigauer retoma aqui a tese do já citado trabalho de Jürgen Habermas, que demonstrara não apenas a relação entre trabalho e tempo livre, mas a afinidade estrutural que entre ambos haveria. Da mesma forma haviam asseverado Horkheimer e Adorno, na “Dialética do Esclarecimento”, que o tempo livre não seria apenas uma preparação para o trabalho, mas uma forma de, no mesmo contexto, controle da consciência, pois quanto mais firmes as posições da indústria cultural se tornam, mais ela pode objetivamente relacionar-se com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, governando-as, disciplinando-as, mobilizando a diversão: ao progresso cultural não se coloca barreiras. A afinidade original entre sociedade e divertimento, mostra-se, no entanto, em seu próprio sentido: a apologia da sociedade. Divertir-se significa estar de acordo. Divertir-se significa, acima de tudo: não dever refletir, esquecer o sofrimento, ainda onde ele esteja claro.

A semelhança estrutural entre esporte e trabalho mostrar-se-ia de diferentes formas, sendo uma das mais importantes a que se refere à mecanização do movimento humano. Até mesmo a linguagem esportiva, diz Brohm, estaria dominada pela tecnologia e pela maquinaria. Rendimento, método, burocratização e racionalização determinariam as duas esferas que permaneceriam interligadas. Todo esse processo limitaria a espontaneidade, uma vez que de jogo pouco se encontraria no esporte, ao contrário do que propaga o rolo compressor ideológico.

O caráter ideológico do esporte estaria ainda no fato de ele ajudar a consolidar o rendimento como o critério central da sociedade contemporânea, mas também porque suporia uma unidade idealista entre corpo e espírito. Também no contexto escolar o esporte manteria seu caráter ideológico, já que, como no Nacional-Socialismo, estaria a serviço dos interesses do Estado.

A função ideológica do esporte foi sintetizada da seguinte forma por Brohm:

1. O esporte é um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência, etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e *output*; ;em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc.

2.O esporte é uma cristalização ideológica da competição permanente, que é representada como "preparação para as asperezas da vida."

3. O esporte é uma ideologia baseada no mito do progresso infinito e linear, como se expressa na curva dos recordes.

4. Finalmente, o esporte é a ideologia do corpo-máquina - o corpo torna-se um robô, alienado pelo trabalho capitalista. O esporte baseia-se na fantasia do ser *fit*, do corpo produtivo.

Associada à questão da ideologia estaria o caráter de mercadoria do esporte. Aliás, a demarcação ideológica se mostraria no fato de que todos os fenômenos sociais podem tornar-se, na sociedade capitalista, mercadoria. Seria o caso do esporte-espetáculo, quando público e atletas, frente a frente, representariam o consumidor e o produtor mediados pelo *manager*. O rendimento do atleta transforma-se em mercadoria e é trocado comercialmente pelo equivalente universal, diz Rigauer. Como mercadoria, a força de trabalho do atleta pode ser medida quantitativamente, ou, melhor dizendo, duplamente calculada: por um lado o atleta incorpora um valor abstrato determinado, por outro, tem sua capacidade de rendimento quantificada, o que esconderia os aspectos qualitativos do humano. A redução da força de trabalho à forma mercadoria, abstrata e quantificada, implica na concreta retificação da ação humana. As relações humanas baseadas na troca de mercadorias "coisificam-se" na forma de objetos mensuráveis e formalizados. À retificação do rendimento esportivo corresponderia ao trabalho alienado, no qual o trabalhador domina apenas uma parte do processo de produção.

No esporte de rendimento as marcas de tal alienação seriam visíveis no caso de uma modalidade esportiva que regride para a execução de gestos altamente especializados e parciais ou quando métodos racionalizados de treinamento são empregados. Um exemplo é o treinamento intervalado, que exige do atleta a repetição incessante do mesmo movimento, fixado e isolado como tarefa parcial a ser executada.

A mercantilização do esporte significa, evidentemente, que não apenas ao rendimento do atleta agrega-se valor tornando-o comercializável, mas também que um sem-número de produtos esportivos entram na esfera da circulação no âmbito da indústria do tempo livre. Segundo Rigauer, teríamos hoje, no esporte, um comportamento determinado esteticamente pela mercadoria.

Vale lembrar ainda, antes de passarmos aos posicionamentos críticos às interpretações da Nova Esquerda a respeito do esporte, uma questão apontada algumas páginas atrás. A retificação do corpo não se efetivaria apenas na forma mercadoria, mas na equiparação dele com a maquinaria e, associada a ela, pelo tipo de análise que a ciência tradicional. Em vários textos Rigauer e Brohm reforçam essa questão ao se remeterem a um pequeno texto de Horkheimer e Adorno, presente em “Dialética do Esclarecimento”, no qual os frankfurtianos falam da possibilidade de uma leitura meta-histórica a partir da dimensão corporal e dos processos que a vitimam e dilaceram, configurando o que chamam - cruzando Freud e Marx por meio de Nietzsche - um amor-ódio pelo corpo. Compõe esse mesmo quadro a crítica ao esporte como disciplinador da sexualidade, idéia exposta principalmente por Vinnai e Brohm .

De uma forma geral, o esporte não é mais do que a perversão sistemática do instinto agonístico lúdico em favor da competição. Ele é a teoria e a prática experimentais, por assim dizer, da competição individual.

6.2. Críticas à Teoria do Esporte da Nova Esquerda.

Não foram poucas as polêmicas em torno da crítica ao esporte empreendidas pela Nova Esquerda. Elas foram variadas, mas podem ser entendidas como provenientes de três registros:

1. norte-americanos como Richard Gruneau, radicado, em parte, na Teoria da Hegemonia sobre o esporte;
2. o discurso oficial esportivo e olímpico na Alemanha, no qual Hans Lenk (Professor de Filosofia e campeão olímpico de remo) se destaca;

3. teóricos ligados à Sociologia Figuracional de Norbert Elias, principalmente Eric Dunning.

Segundo Richard Gruneau, as assertivas de Rigauer, Vinnai e Brohm podem ser politicamente muito engajadas, mas são teoricamente frágeis. Ele destaca que os teóricos da Nova Esquerda não levaram em conta aspectos importantes da Escola de Frankfurt ao tomarem-na como paradigma de suas análises. Salienta, por exemplo, as reflexões de Adorno no campo estético, em especial sua relação com a Vanguarda, ignoradas pela Teoria Crítica do Esporte. Além disso, as críticas da Nova Esquerda não estariam dirigidas diretamente ao capitalismo, como se imaginava, mas, no contexto da contracultura, à modernidade: A fonte de sua revolta nunca foi de fato o capitalismo, ou mesmo o estabelecimento autoritário e tecnocrático - foi à modernidade em si mesma. O esporte moderno, como as sociedades modernas, eram intrinsecamente totalitário.

Hans Lenk, por sua vez, contrapõe-se decisivamente à tese da alienação no esporte. Segundo ele, o rendimento esportivo não pode ser compreendido como trabalho compulsório, nem como uma forma desumana de rotina e nem mesmo como trabalho 'alienado' no sentido que Marx atribui ao termo. Esporte e trabalho teriam diferenças claras, já que o primeiro seria puro jogo e não atividade compulsória. Além disso, a preparação para o rendimento esportivo seria um exemplo de autonomia, de atividade "libidinal".

O rendimento esportivo não é obtido por meio de pressão rigorosa, nem é vivido como tal, mas corresponde em alto grau aos interesses e capacidades dos atletas. O esportista não se relaciona de forma "alienada" com seu desempenho. Este, por sua vez, não é vivido como carga ou obrigação, mas como livre escolha. Sob plena disposição pessoal o rendimento procurado é valorizado positivamente, tanto do ponto de vista emocional quanto afetivo, demarcando-se como um verdadeiro "gozo".

Para Lenk não seriam plausíveis as teses da manipulação e da adaptação subalterna às normas do trabalho no contexto do rendimento esportivo. O conceito de trabalho empregado por Rigauer seria, além disso, muito geral e assim se tornaria possível observar apenas as semelhanças, mas não as diferenças, entre trabalho e esporte.

Embora não seja freqüente o debate entre a Teoria Crítica do Esporte e a Sociologia das Configurações, encontramos algumas considerações de Norbert Elias e Eric Dunning a respeito de Rigauer, Brohm e outros. As críticas se concentram em três pontos principais:

1. Seria uma simplificação colocar Revolução Industrial e esporte numa relação causal. Para Dunning, os aspectos econômicos do fenômeno estariam por demais acentuados na Teoria Crítica do Esporte. As transformações sociais, das quais o esporte seria fruto, teriam nascido de uma combinação de aspectos, dentro dos quais tanto desenvolvimentos políticos quanto normativos teriam tido um papel muito importante, deixando seus respectivos hábitos demarcados. Seria, todavia, uma simplificação procurar as raízes do esporte exclusivamente no contexto do capitalismo.

2. Os sociólogos das configurações aceitariam que, de forma geral e apesar das escassas pesquisas empíricas, o esporte é dominado pela forma mercadoria no contexto do Capital e que haveria uma semelhança estrutural com o trabalho. Não estaria comprovado, no entanto, por que e como a profissionalização e mercantilização dominam o esporte. Esse déficit na abordagem da Teoria Crítica do Esporte teria origem em seu economicismo.

3. Finalmente, as observações de Rigauer e Brohm a respeito da semelhança estrutural entre esporte e trabalho estariam baseadas em uma tautologia, já que o esporte de alto rendimento não seria apenas semelhante ao trabalho, mas sim, factualmente, apenas trabalho.

6.3. Algumas discussões sobre as críticas.

A crítica de Gruenau precisa ser considerada principalmente quando afirma que os teóricos da Nova Esquerda desprezaram vários aspectos da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt em seus trabalhos, algo que também foi apontado por Rütten. Eles, de fato, não se ocuparam da vasta contribuição teórica para o campo da Estética desenvolvida principalmente por Adorno. Além disso, grande parte das reflexões epistemológicas que procuram descortinar um olhar tecnológico sobre o corpo - que não o observa em sua condição viva, mas como corpo morto - presentes, sobretudo, na “Dialética do Esclarecimento”, mas também na “Dialética Negativa” foram pouco consideradas. A constelação dialética da qual faz parte o corpo e seu domínio como condição para a forja da subjetividade não foi plenamente considerada pela Nova Esquerda.

Por outro lado, a ênfase no caráter de mercadoria do esporte não pode ser vista apenas como economicismo, uma vez que esta é, de fato, uma característica das práticas esportivas sobre a qual poucas teorias se debruçaram, havendo bons argumentos para

ela, sobretudo os apontados por Rigauer. Além disso, os teóricos da Nova Esquerda dão consequência a um tema central para a Escola de Frankfurt, mais atual do que nunca, que é o da indústria cultural. Vale lembrar Adorno, para o qual, os estilos espirituais da indústria cultural não são também mercadoria, mas são, cada vez mais, elas mesmas.

Não se pode dizer tão facilmente, como faz Gruenau, que a Teoria Crítica do Esporte fez a crítica à modernidade pensando que a estivesse realizando em direção ao capitalismo. Como já foi citado mais de uma vez, referiam-se também ao socialismo de caserna, cuja fascinação pelo domínio da natureza, pelo rendimento e pela idéia de progresso linear e infinito eram mais que presentes.

No que se refere a Lenk, suas críticas são hoje pouco defensáveis. De fato Rigauer empregou um conceito de trabalho muito amplo e talvez pouco preciso, algo que ele mesmo corrigiu com a publicação, seis anos depois das críticas de Lenk.

As observações de Lenk de que não haveria relação entre o esporte de rendimento e a pressão por resultados é pelo menos ingênua, uma vez que em tempos de extrema profissionalização parece estar cada vez mais claro que o controle da performance é em grande parte externo ao atleta, muitas vezes dado pela mediação tecnológica. Vale o resultado e não propriamente o sujeito que o realiza ou, dito de outra forma, a ação e não o ator. Ainda que seja necessário verificar esta questão de maneira empírica, pode haver aí um indício, sim, de trabalho alienado.

Uma outra ponderação que deve ser feita às críticas de Lenk refere-se ao suposto caráter libidinal do treinamento e sua não-condição adaptativa às normas do trabalho. A disciplina exigida no treinamento contemporâneo parece deixar pouca margem para esse tipo de assertiva.

No que se refere às críticas de Norbert Elias e seus seguidores, é correto dizer que o esporte não é apenas um produto da sociedade capitalista, mas uma marca da modernidade, também em sua versão "socialista". A Nova Esquerda não observou de forma mais ampla que o esporte - para além da funcionalização ideológica na Guerra Fria - é uma expressão do domínio da natureza, com todas as suas contradições. Nesse sentido, valeria a pena uma ponderação ao próprio marxismo e sua fascinação pelo progresso. Talvez o esporte seja menos um produto do capitalismo e muito mais de um domínio unilateral da natureza em uma sociedade plenamente administrada.

Mas também é uma simplificação tratar, como Gruenau, de economicismo as análises e comentários de Rigauer e Brohm pelo fato de considerarem o caráter de mercadoria e de alienação no esporte, ou falarem (principalmente o último) em uma

semelhança estrutural entre as práticas esportivas e as do trabalho, ainda mais se considerarmos que o pano de fundo das reflexões é o da indústria cultural, tal como Adorno elaborou o conceito.

Elias e Dunning, por outro lado, mostram apenas um conhecimento superficial da tradição marxista, talvez insuficiente para o tipo de crítica que elaboram. Segundo Rigauer, o aqui e agora aparece a questão da precariedade do ponto de vista da Sociologia das Configurações: a Sociologia Marxista envolve determinismo sócio-econômico, um modelo nomotético de desenvolvimento social e o que é chamado de ‘determinismo utópico’. Esse tipo de fixação epistemológica impede o desenvolvimento de uma Sociologia Marxista do Esporte sofisticada.

Uma questão que deve ser bem observada nas críticas de Elias e Dunning diz respeito à relativa falta de material empírico nas pesquisas da Nova Esquerda sobre a forma mercadoria no esporte, ainda que a mera leitura dos jornais nos dê vários indicativos desse processo. Não há dúvidas de que a indústria esportiva é uma das grandes arenas do mercado.

Por outro lado Elias e Dunning jamais consideraram de um ponto de vista estrutural a possível afinidade entre esporte e trabalho, e nem criticaram, de forma imanente, o trabalho de Rigauer, embora conhecessem, pelo menos o segundo, o argumento central que aquele construiu.

Uma última questão, talvez menos importante. Rigauer e Brohm criticam a forma geral da organização do trabalho na sociedade capitalista e por isso o tipo de profissionalização esportiva como uma corrupção do movimento corporal. A tese pode estar equivocada, mas não é tautológica, mas lógica.

6.4. Atualidade.

Permanece a necessidade de seguir o diálogo com a Teoria Crítica do Esporte, que se mantém viva porque as questões que colocou seguem atuais, assim como pelo menos parte de suas indicações de análise. A rigor, algumas tendências do esporte apontadas por esse movimento teórico ganharam ainda mais força no contemporâneo, como a quantificação dos resultados e a redução ao número das qualidades da expressão humana. O amor aos grandes números, aos dados estatísticos que ajudam a compor o espetáculo, assim como uma fascinação sempre presente pelos records, ajudam a compor esse quadro, que encontra seu desiderato na comercialização das imagens dos

atletas na TV, nas revistas ilustradas, sempre como modelos de sucesso, beleza e felicidade - ou mesmo como drama pelo qual devemos ter "compaixão".

Além disso, o esporte é hoje muito mais "mercantilizado" do que há alguns anos, sobretudo por causa do notável crescimento dos meios de comunicação e da indústria do entretenimento. A isso se agrega o fato de que entretenimento, informação e "cultura" misturam-se no mesmo caldo produtivo, sendo o esporte um exemplo marcante deste processo. Lembre-se, por exemplo, da exclusividade da transmissão das partidas dos selecionado brasileiro de futebol na última Copa do Mundo da Alemanha por uma emissora de televisão, que também apresentava parte de seus telejornais diretamente dos locais de concentração da equipe brasileira. Qual teria sido a fronteira entre a notícia e o produto que estava sendo vendido?

Gostaria de, ainda, levantar dois pontos que, segundo penso, precisam ser considerados para o desenvolvimento de uma Teoria Crítica do Esporte hoje:

1. A disposição para o pensamento (auto) crítico, tanto no que se refere aos fenômenos empíricos quanto ao que diz respeito ao diálogo com outras perspectivas teóricas sobre o corpo e o esporte. Isso pode trazer não apenas abordagens renovadas, mas novos temas e problemáticas de investigação. Um bom exemplo desse esforço tem sido feito por König (2000) e suas aproximações entre Adorno/Horkheimer e Paul Virilio.

2. Seria necessário fazer uma nova visita, mais profunda e menos parcial, aos textos da Escola de Frankfurt, considerando não apenas aqueles que tratam do esporte como tema, mas observando sua constituição teórica como um todo, de crítica à sociedade contemporânea. Seria possível, com isso, por exemplo, pesquisar sobre a fungibilidade dos atletas e de seu rendimento, não apenas como mercadoria - e suas novas configurações flexíveis - mas também como auto-sacrifício do corpo.

Da Escola de Frankfurt passamos à Escola do Brasil através das idéias do educador Paulo Freire. Segundo Freire, vivemos em uma sociedade dividida em classes, sendo que os privilégios de uns, impedem que a maioria, usufrua dos bens produzidos e, coloca como um desses bens produzidos e necessários para concretizar a vocação humana, a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo. Refere-se então a dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, que vê a educação como prática da dominação, e a pedagogia do oprimido, que precisa ser realizada, na qual a educação surgiria como prática da liberdade: *"Só o poder que nasce*

da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos [oprimido e opressor]⁵”.

O movimento para a liberdade, deve surgir e partir dos próprios oprimidos, e a pedagogia decorrente será *“aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”*.(FREIRE p. 75) Vê-se que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas, que se disponha a transformar essa realidade; trata-se de um trabalho de conscientização e politização.

É preciso demonstrar a vulnerabilidade do opressor para que, em si, vá operando-se convicção oposta a anterior, no entanto, enquanto isto não se verifica, os oprimidos continuarão abatidos e medrosos.

A pedagogia do dominante é fundamentada em uma concepção bancária de educação: *“Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação”*.(FREIRE p. 51 ss.) da qual deriva uma prática totalmente verbalista, dirigida para a transmissão e avaliação de conhecimentos abstratos, numa relação vertical, o saber é dado, fornecido de cima para baixo, e autoritária, pois *“manda quem sabe e obedece quem tem consciência”*.

Dessa maneira, o educando em sua passividade, torna-se um objeto para receber, paternalisticamente, a doação do saber do educador, sujeito único de todo o processo. Esse tipo de educação pressupõe um mundo harmonioso, no qual não há contradições, daí a conservação da ingenuidade do oprimido que, como tal, se acostuma e acomoda no mundo conhecido (o mundo da opressão) eis aí, a educação exercida como uma prática da dominação.

Para Paulo Freire essa educação bancária aprofunda mais a opressão: *“Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine”* (FREIRE p. 102). Por isso o educador deve saber, antes de tudo, ouvir e dialogar com os educandos, buscando suas experiências e mudando a realidade que os cerca através do conhecimento que é fruto dessa união educador - educando: *“Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o*

⁵ Site www.freipedro.com.pt, em 19/09/2004

pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele [educador] não pode ser um pensar para estes [educandos] nem a estes imposto” (FREIRE p. 123).

Ou seja, para Paulo Freire, a educação é feita através do diálogo, pois só através da conscientização da palavra é que tanto educador, como educandos, podem aprender, já que o processo educativo é um processo horizontal.

Além disso, a educação não deve ser algo abstrato, desligado com o mundo, a educação deve inserir o indivíduo no mundo em que ele vive. Para que assim ele perceba os trâmites da opressão e não se torne mais um oprimido e manipulado por uma minoria que cria mitos para se sustentar.

É preciso que os oprimidos se unam e não tenha medo de reivindicar seus direitos, pois, segundo Paulo Freire, só com as massas unidas e organizadas é que se pode lutar em pé de igualdade frente aos que oprimem e manipulam o povo. Neste sentido é que pretendemos difundir e democratizar a prática esportiva em Curitiba para possibilitar desta forma uma nova oportunidade aos jovens desta cidade.

Para finalizar discutamos um pouco sobre o papel da escola e suas teorias. E, aproveitando o tema democracia, pensemos um pouco sobre a teoria da chamada Escola Democrática.

A teoria conhecida como Escola Nova, tem suas raízes com Vitorino de Feltre (1378-1446) que em sua “Escola Alegre” seguia a pedagogia romântica e Naturalista de Rousseau. No entanto, somente com Adolphe Ferriere (1879-1960) é que se pode falar especificamente em escola nova, cujos principais representantes são Michael Apple e James Beane.

Para Michael Apple e James Beane as escolas democráticas são “*escolas vivas, cheias de entusiasmo, mesmo em circunstâncias eventualmente tristes e difíceis. São escolas onde professores e alunos estão igualmente empenhados num trabalho sério que frutifica em experiências de aprendizagem ricas e vitais para todos.*” (APPLE & BEANE, p. 12).

As escolas democráticas são marcadas pela participação geral nas questões administrativas e de elaboração de políticas. Professores, alunos e pais trabalham juntos e resolvem suas questões em conjunto. São todos participantes da comunidade de aprendizagem. Todos vivenciam o modo de vida democrático nas escolas.

Além disso, uma escola democrática deve permitir ao aluno a capacidade de ter suas próprias idéias e para isso é necessário que o aluno tenha acesso à informação, saiba discernir entre o que é certo e o que é errado, para assim viver melhor em uma comunidade democrática.

Também é função da escola democrática promover a intensa preocupação dos alunos com o bem estar e a dignidade dos outros indivíduos.

Democracia, para os autores, extrapola uma mera forma de governo e se aplica ao cotidiano de cada cidadão. *“Os educadores democráticos não procuram apenas amenizar a dureza das desigualdades sociais na escola, mas mudar as condições que as geram.”* (APPLE & BEANE p. 25).

É justamente baseado nessa experiência que os currículos democráticos devem ser trabalhados, pois o educador tem como obrigação permitir ao aluno a ampliação das idéias e ajudar a expressar as que já possui.

O currículo democrático enfatiza o acesso a um amplo leque de informações e o direito dos que têm opiniões diferentes de se fazerem ouvir.

Essas idéias assemelham-se bastante às da Escola Nova, na qual o conceito de paidocentrismos rege muitas ações.

Para o surgimento das escolas democráticas, foram necessárias muitas batalhas, nas quais houve um esforço muito grande por parte de grupos de base – professores, comunidade, ativistas sociais etc. No entanto, é preciso ter em mente que a implementação de escolas democráticas não significa a eliminação dos problemas enfrentados pelas escolas públicas.

Partindo-se do pressuposto que “escolas públicas são essenciais à democracia”, nota-se profundas contradições nas escolas públicas dos EUA, que podem perfeitamente ser transportadas para o cenário brasileiro:

- 1) *“A educação moral e ética é reduzida a uma ladainha de características comportamentais”.*
- 2) *“Exige-se a ênfase no pensamento crítico, ao mesmo tempo em que a censura aos programas e materiais escolares aumenta.”* (APPLE & BEANE p. 12).

E são essas contradições que devem ser superadas para que haja uma efetiva disseminação do modo de vida democrático, que se inicia na escola.

Outra dificuldade presente é o fato que, apesar das afirmações sobre a igualdade de oportunidades nas escolas democráticas, haja ainda vários obstáculos que bloqueiam o caminho dos jovens desprivilegiados, como por exemplo, o uso exagerado de testes padronizados.

Seguindo esta corrente temos o educador estadunidense John Dewey que afirma que o ensino deveria dar-se pela ação, *“learning by doing”*, e não pela instrução. Para ele, a educação continuamente reconstruía a experiência concreta, ativa e produtiva de cada aprendiz.

Dewey propõe cinco estágios do ato de pensar. Estes estágios ocorrem quando nos deparamos com um problema:

- 1) Uma necessidade sentida;
- 2) A análise da dificuldade;
- 3) As alternativas de solução do problema;
- 4) A experimentação de várias soluções, até que o teste mental aprove uma delas;
- 5) A ação como a prova final para a solução proposta, que deve ser verificada de maneira científica.

Baseado nesses cinco estágios, Dewey propõe que a educação seja confundida com o próprio processo de viver. E, a partir dessa idéia é que surge o conceito de “paidocentrismos” no qual o aluno é visto como autor de sua própria experiência.

É justamente pensando no conceito de paidocentrismos, que o educador deve centrar seus métodos de ensino, buscando formas com as quais o aluno sintase estimulado a participar do processo de aprendizagem de forma ativa e criativa, uma vez que:

“O principal propósito ou objetivo é preparar o jovem para as suas futuras responsabilidades e para o sucesso na vida, por meio da aquisição de corpos organizados de informação e de formas existentes de habilitação, que constituem o material de instrução.” (GADOTTI, p.150)

Procura-se aumentar o rendimento das crianças e preparar os jovens para o trabalho, para a atividade prática, para o exercício da competição.

Seguindo a linha da Escola Nova, temos Maria Montessori (1870-1952), que propunha que o *“Educador não atuaria diretamente sobre a criança, mas ofereceria meios para a sua autoformação”*.

Para tanto, o educador deve conquistar a confiança do aluno e demonstrar amor pela criança, pois, só assim o aluno sentir-se-á estimulado a traçar seu próprio caminho em busca do conhecimento, sabendo que existe alguém – o educador – disposto a ajudá-lo quando necessite.

Ela acreditava que as crianças podiam com materiais concretos aprender a distinguir as cores, as formas dos objetos, os espaços, os ruídos, a solidez etc., pelo tato, pela pressão, entre outros.

Já para Piaget o conhecimento é algo construído pelo ser humano, quando ocorre intensa reflexão sobre um determinado assunto. Sendo assim, é necessário que o educador estimule o aluno a pensar sobre o mundo que o cerca. Para transformá-lo num ser pensante. Nesse sentido, o educador tem um papel muito ativo na formação dos indivíduos, pois deve fomentar no aluno o interesse pela reinvenção, ou pelo menos, pela reconstrução dos conceitos, uma vez que não existe verdade absoluta.

Para os autores da Escola Nova, o educador não é o dono do saber, e que portanto, o saber é relativo. Com isso há uma valorização do senso comum que, como vemos, é o conceito de “paidocentrismos” proposto por Dewey, no entanto, o “paidocentrismos” não significa realizar todos os desejos do aluno e sim permitir uma melhor estruturação da prática educativa a partir das necessidades e interesses dos educandos. O que levaria a um alto grau de participação do aluno. Lembrando sempre que não se trata da mera transferência de autoridade para o aluno.

O educador, portanto, deve servir como mediador entre o aluno e o objetivo ou conhecimento.

Apesar disso, a Escola Nova sofre algumas críticas oriundas de um pensamento crítico que diz que toda educação é política, sustentando que a Escola Nova seria uma forma para adaptar os novos indivíduos para novos postos de trabalho.

Com uma visão ainda mais crítica, Paulo Freire, que empregou em seu método várias conquistas da Escola Nova, pois para Freire o educador tem papel fundamental na constituição da sociedade na qual o aluno está inserido. E que, portanto, qualquer atitude tomada pelo professor terá uma resposta negativa ou afirmativa nesse aluno, pois “toda pedagogia é política” (FREIRE p.15). E, ainda, a escola deveria servir tanto para a “educação como prática da dominação” quanto para a “educação como prática da liberdade”.

Quem também compartilha dessa visão crítica sobre a Escola Nova é o professor Moacir Gadotti, que apresenta em seu texto todos os conceitos da escola nova, sem deixar de lado as ressalvas que este método apresenta.

O PROGRAMA EU SOU 10 busca integrar as escolas públicas de Curitiba, entendendo a Escola como uma instituição muito particular, que não pode ser pensada como qualquer fábrica ou oficina, uma vez que a educação não tolera a simplificação do humano. Tentando, desta forma, inverter o paradigma da cultura individualista, predominantemente imposto na Escola, pois cada professor atua em sua aula de maneira individual e cada aluno é responsável pelo rendimento de sua aprendizagem, o resultado disso, segundo Paulo Freire é de que *“Educar não é ser omissos, ser indiferente, ser neutro diante da sociedade atual”* (GADOTTI, p. 148) , pois o papel do educador é o de intervir, de posicionar-se, de mostrar um caminho e não de omitir.

É justamente neste viés que o PROGRAMA EU SOU 10 tenta coletivizar o ensino e a sociabilização de alunos, professores e funcionários das escolas públicas de nossa capital. Pois, vivendo em uma sociedade dividida em classes, sendo que os privilégios de uns, impedem que a maioria usufrua dos bens produzidos, e coloca como um desses bens produzidos e necessários para concretizar a vocação humana de ser – pedagogia do oprimido - a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo, precisa ser realizada como prática da liberdade *“Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos [oprimido e opressor]”*⁶.

Tendo este contexto sócio-educacional, o PROGRAMA EU SOU 10 tem como objetivo, preparar os estudantes-atletas para a liderança e para a vida, educar e sociabilizar através do esporte e principalmente formar os futuros cidadãos brasileiros com base na disciplina, solidariedade e na luta para atingir seus objetivos, o que de certa maneira seria um caminho para a libertação da opressão proposta por Freire. Além, naturalmente, de promover um enorme intercâmbio entre as escolas possibilitando, assim, troca de experiências e realizações entre professores, alunos e funcionários, levando a uma melhoria contínua da educação pública da capital paranaense.

⁶ FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido. 7.ª edição, RJ. Paz e Terra, 1979

7. Análise de ambiente:

7.1. Histórico da Instituição

Nascia em 19 de dezembro de 1989 com a fusão do Colorado E. C. e o E.C. Pinheiros a mais nova força do Futebol Paranaense que, em pouco mais de três anos de existência, já estava entre os grandes times do país, ingressando na primeira divisão do futebol brasileiro.

O Paraná Clube já conquistou sete títulos do Campeonato Paranaense (91,93,94,95,96,97 e 2006), Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão (92), Campeão do Módulo Amarelo da Copa João Havelange 2000.

A estrutura total do Paraná Clube possui mais de 500.000 m² de área. Tudo isso é dividido em cinco sedes na qual a Administração está situada à Avenida Presidente Kennedy, 2.377, Água Verde, Curitiba (PR), CEP 80610-010.

Além disso, possui dois estádios; Durival de Britto e Erton Coelho de Queiroz, com um patrimônio de 500 milhões de dólares reunidos em terrenos, instalações, dois estádios de futebol, doze piscinas, dois ginásios, áreas campestres e uma sofisticada sede social.

7.2. Análise do ambiente externo

Atualmente o Paraná Clube tem dois concorrentes diretos (Atlético e Coritiba), no entanto, não existe uma grande rivalidade com seus concorrentes devido ao fato de ser um clube ainda muito jovem.

Com a queda do Coritiba à segunda divisão o Paraná Clube vê a possibilidade de agregar novos adeptos advindos desta situação. E firmar-se efetivamente como força do futebol do sul do país.

7.3. Análise do ambiente interno

O conflito interno gerado pela fusão é a principal causa do problema enfrentado pelo Clube ao longo dos seus 16 anos, além da situação financeira preocupante, já que para disputar as competições sofre para pagar os salários de seus atletas, por isso o clube não disponibilizará recursos para o PROJETO EU SO 10, somente estará

disponibilizando a exposição da Marca além de favorecer a relação com seus fornecedores para liberação de coletes para as equipes disputarem a **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba.**

8. Proposta.

A proposta do projeto é extremamente simples: a cidade de Curitiba será dividida geograficamente de acordo com a divisão administrativa já vigente na cidade, ou seja, teremos nove sedes onde ocorrerão os jogos para a disputa da **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba.**

O público alvo são alunos das escolas públicas da cidade de Curitiba, que serão comunicados mediante carta assinada pela comissão organizadora (Vide Anexo 1)

Na primeira fase, as equipes disputarão a classificação dentro de uma chave com quatro equipes, classificando-se as melhores equipes por chave.

Dependendo do número de equipes inscritas, haverá a possibilidade de se classificarem também os segundos lugares de cada chave para uma repescagem.

A partir da segunda fase, inclusive a final, os jogos passam a ser eliminatórios, em jogos de ida e volta, valendo, como critério de desempate, o saldo de gols. Caso haja empate ao final da segunda partida haverá a disputa de penalidades máximas, para se definir o vencedor.

8.1. Benefícios e beneficiários.

Os benefícios para o Clube serão toda a publicidade gerada pelo projeto além de ser uma ótima oportunidade para revelação de futuros talentos do esporte, primeiramente no futebol e posteriormente em várias modalidades, como natação, tênis, atletismo, voleibol, etc.

Os beneficiários serão os melhores alunos em notas e das escolas públicas de Curitiba, beneficiando assim também a instituição escola que passa a ter como foco o bom aluno, ao contrário do que vem ocorrendo atualmente.

8.2. Onde será implementado?

O programa EU SOU 10 cujo slogan é *Formando cidadãos e atletas* terá na **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba** a sua ramificação esportiva e a disputa ocorrerá, em geral, nas próprias instituições de Ensino, no entanto, poderão ocorrer algumas atividades nas sedes do promotor do evento, dependendo da disponibilidade do Paraná Clube.

Os fornecedores de material esportivo do Paraná Clube estarão enganchados neste projeto e, portanto, o fornecimento de coletes dos atletas para a disputa dos jogos estará a cargo dos parceiros do Paraná que terão a possibilidade de exibição de suas marcas.

A Copa será registrada na federação paranaense de futsal e a arbitragem será paga através de uma parceria com a Paraná Esportes e Governo do Estado do Paraná.

As infrações de competição e Disciplina serão julgadas até 48 horas após a ocorrência da infração, por meio do comitê organizador.

8.3 Quando (inicia e termina)

Uma sugestão que fizemos ao patrocinador do evento foi que o projeto teria início em janeiro de 2006, com data para a disputa das finais da **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba** 26/11/2006. Subdividido nas:

- Juvenil, masculino e feminino, nascidos até 1989/90;
- Infante-Juvenil, masculino e feminino, nascidos até 1990;
- Infantil, masculino e feminino, nascidos até 1991/92;
- Mirim, masculino e feminino, nascidos até 1993/94;
- Pré-Mirim masculino e feminino, nascidos até 1995/96;
- Fraldinha masculino e feminino, nascidos até 1999/98.

8.4. Custos.

Não haverá nenhum custo adicional com pessoal já que os contratos de estágios serão realizados por meio de uma parceria com a UFPR através do PCC (Programa de Conclusão de Curso).

Os custos com premiação serão cobertos através da cobrança de Inscrição dos atletas e a infra-estrutura para realização do evento está a cargo das instituições de ensino.

As arbitragens serão pagas pela Paraná Esportes que dará apoio ao evento.

8.5. Retorno de mídia.

O Retorno de mídia está centrado na utilização da marca do Paraná Clube e seus parceiros durante o evento, além da levar o nome do evento, **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba.**

8.6. Cronograma detalhado.

QUADRO 1			
Ação	Responsável	Início	Término
Comunicação a todas as Escolas	Marketing	22/01/2007	16/02/2007
Inscrição	Expedição	19/02/2007	09/03/2007
Sorteios dos Grupos	Coordenação	19/03/2007	19/03/2007
Início do Campeonato	Todos	31/32007	25/11/2007
Jogos	Todos	31/03/2007	01/04/2007
Jogos	Todos	07/04/2007	08/04/2007
Jogos	Todos	14/04/2007	15/04/2007
Jogos	Todos	21/04/2007	22/04/2007
Jogos	Todos	28/04/2007	29/04/2007
Jogos	Todos	05/05/2007	06/05/2007
Jogos	Todos	12/05/2007	13/05/2007
Jogos	Todos	19/05/2007	20/05/2007
Jogos	Todos	26/05/2007	27/05/2007
Jogos	Todos	02/06/2007	03/06/2007
Jogos	Todos	09/06/2007	10/06/2007
Jogos	Todos	16/06/2007	17/06/2007
Jogos	Todos	23/06/2007	24/06/2007
Jogos	Todos	30/06/2007	01/07/2007
Jogos	Todos	07/07/2007	08/07/2007
Jogos	Todos	14/07/2007	15/07/2007
Jogos	Todos	21/07/2007	22/07/2007
Jogos	Todos	28/07/2007	29/07/2007
Jogos	Todos	04/08/2007	05/08/2007

Jogos	Todos	11/08/2007	12/08/2007
Jogos	Todos	18/08/2007	19/08/2007
Jogos	Todos	25/08/2007	26/08/2007
Jogos	Todos	01/09/2007	02/09/2007
Jogos	Todos	08/09/2007	09/09/2007
Finais e Premiações	Todos	25/11/2007	25/11/2007
Entrega de relatórios finais e Feedback das Sedes	Marketing	26/11/2007	14/12/2007

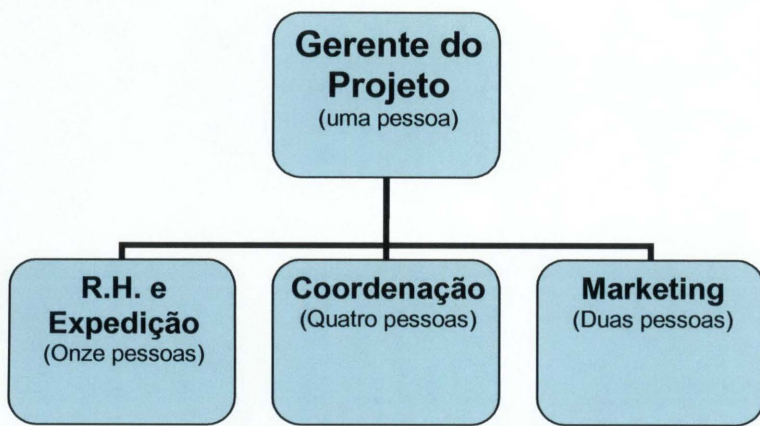
8.7. Resultados esperados.

Buscamos com este projeto Buscando uma maior participação dos alunos-atletas junto à comunidade, na qual estão inseridos, procurando fomentar a prática esportiva através da estrutura existente nas escolas públicas da capital paranaense e também no Paraná Clube, contribuindo para a construção da cidadania, a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida da comunidade, dos jovens e também de todos os moradores da nossa cidade.

Nossa visão é, a partir da prática esportiva, promover a proteção integral de crianças, jovens e adolescentes, a sua inserção na comunidade e a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e atuantes na sociedade. Promovendo a prática esportiva em todas as classes sociais, fazendo com que as crianças, jovens e adolescentes desenvolvam uma visão coletiva, oportunizar o desenvolvimento físico, psicológico e social, de maneira saudável, orientada e com acompanhamento técnico, proporcionando às crianças, jovens e adolescentes o conhecimento técnico, tático, disciplinar e solidário; e, finalmente, mas não menos importante, integrar o aluno, professor, família e comunidade, atendendo a nossa perspectiva de inclusão social.

9. Gestão:

9.1. Organograma.



O organograma acima é composto de um funcionário do promotor do evento para chefiar cada área (Gerência, R.H. e Expedição, Coordenação e Marketing) além de treze estagiários contratados sob a forma de PCC (Plano de Conclusão de Curso) em parceria com a UFPR, sem nenhum custo adicional para o promotor do evento.

9.2. Controles e acompanhamento.

A **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba** será disputada em algumas sedes para facilitar a logística do evento. Em todas as sedes haverá um delegado do promotor do evento que será responsável por elaborar um relatório de todos os fatos ocorridos durante o evento.

Os delegados serão acadêmicos de Educação Física e serão coordenados pelo supervisor de R.H. que é uma pessoa contrata pelo promotor do evento.

As inscrições serão efetivadas mediante o pagamento da taxa de inscrição de R\$ 5,00 por atleta inscrito, lembrando que para disputa dos jogos além da inscrição o atleta não poderá obter nota inferior à média estabelecida pela instituição de ensino, uma vez que esta é a proposta do programa.

O regulamento da **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba** assim como a formação de chaves de disputa será assinado por todos os participantes, de acordo à modalidade, no dia do sorteio de chaves.

10. Conclusão.

Procuramos neste trabalho fazer uma crítica aos extremismos do novo capitalismo, onde o senso comunitário ficou seriamente abalando por um individualismo e indiferença exacerbados, e que agora renasce, mais como um fator de auto-proteção corporativista contra as novas ameaças do capitalismo globalizado.

Atualmente, num mundo neoliberal, as palavras “dependência” e “fracasso” soam bem mais pesadas do que na nossa cultura e, justamente nesta quebra de paradigmas que apresentamos este trabalho, o qual discutiu o Esporte em suas várias facetas além de, exaustivamente, pincelarmos alguns pontos que julgamos importantes acerca do papel da escola na formação da sociedade atual.

Hoje em dia, as empresas têm um dever social para com os funcionários e a comunidade do espaço geográfico na qual ela está instalada, não cabendo a ela apenas gerar lucros, e mudar-se a partir do momento que algo não vai bem, como prega o neoliberalismo radical, no entanto, esquecemo-nos de que as empresas são constituídas de pessoas e que acima de qualquer organização estão os seres humanos, por isso analisamos o papel da escola, pois vemos na escola a gênese para as várias quebras de paradigmas, por isso que sugerimos a parceria com o Paraná Clube, para que podamos desta forma realizar com eficácia nossos compromissos sociais.

Além disso, a sociedade sofre constantes mudanças, e por consequência, a educação deveria acompanhar estas mudanças, já que entendemos a educação não só em sua face formal, aquela dentro da escola, mas sim a educação como um processo contínuo que se dá no dia a dia de cada indivíduo. Idéia contrária àquela apresentada por vários estudiosos da educação – como exemplo Agueda Bernardete - no que diz respeito à “educação de antigamente”, em que o aluno não tinha um papel ativo no processo educativo. Processo esse que se construía através da autoridade do professor, que era o detentor do conhecimento.

Dessa forma não se abria espaço para a reflexão, e os alunos não absorviam para suas vidas o conhecimento científico que a escola lhes proporcionava. Por isso terminavam mais cedo os estudos, porque apenas decoravam o que era necessário saber e mais tarde nem se lembravam mais.

A escola brasileira, segundo Agueda, não mudou muito durante todo o século XX, pois se, por um lado a escola tradicional ensinava aos alunos em poucos anos, por outro, a imensa maioria não entrava na escola, ou eram expulsos. Com o tempo as

expulsões foram substituídas pela evasão escolar, até que hoje chegamos a um conformismo: os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem.

Conformismo, esse, que é proveniente dos modelos impostos pela sociedade, já que a escola está inserida numa determinada sociedade, e, portanto “deve adaptar-se” a ela, pois como diria Pierre Bourdieu “*a escola reproduz a sociedade*”.

Eu me daria por feliz se, daqui a 5 anos, já tivéssemos compreendido que a educação e a escola são partes integrantes da cultura de um povo, que a escola não consegue produzir sozinha a igualdade quando a sociedade é desigual, excludente e injusta, uma vez que é a sociedade a principal responsável pelas mudanças de valores dentro da sociedade.

Pensamos que para uma sociedade se tornar mais igualitária é necessário maior acesso dos indivíduos à informação, à cultura e ao esporte, pois desta forma eles serão capazes de transformar o modelo que nos é imposto, sem que para isso sejamos utópicos ao ponto de pensar que estes três fatores – informação, cultura e esporte – são as únicas formas de revolucionar a sociedade, no entanto acreditamos que, com um mínimo de senso crítico, sim pode haver várias quebras de paradigmas.

É bem verdade que, ao se destruir alguns paradigmas, acabam construindo-se outros, mas no nosso ponto de vista, isso é inevitável para a constituição de uma sociedade que seja, pelo menos, um pouco igualitária, uma sociedade na qual todos os setores tenham voz e vez ativas. Parece utópico, mas como diria Paulo Freire: “*É possível vida sem sonho, mas não existência humana e história sem sonho*”⁷.

⁷ FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido. 7.ª edição, RJ. Paz e Terra, 1979

11. Referências Bibliográficas.

- ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. 2.^a edição, RJ. Paz e Terra, 1982.
- APPLE, M & BEANE, J Escolas democráticas. Civilização Brasileira, RJ. 1986.
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro**. São Paulo: Ática, 2001.
- BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CIVITA, Vitor (ed.). Coleção: **Os pensadores – Piaget**. São Paulo: 1983.
- DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de. **A concepção interacionista: Piaget e Vygotsky: Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ESCOBAR, Michele O. (coord). Contribuição ao debate do currículo em educação física: uma proposta para a escola pública. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 1989.
- FLAVELL, John H. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1978.
- FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido. 7.^a edição, RJ. Paz e Terra, 1979
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção VYGOTSKY E BAKHTIN Psicologia e Educação: Um intertexto. São Paulo Ática, 1995.
- FURTH, Hans G. **Piaget e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense, 1974.
- GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. (Org.) Educação de Adultos, algumas reflexões (Paulo Freire) In: Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta. SP: Cortez, 1995.
- LOURDES, E. Ribeiro; Pinto, GERUSA R. Coleção: **O real do construtivismo**. São Paulo: Fapi, 1992.
- MOLL, Luis C. VYGOTSKY e a educação. Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. (Tradução: Fani A. Tesseler) Porto Alegre Artes Médicas, 1996.
- OLIVEIRA, Marta Kohl VYGOTSKY Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio-histórico. São Paulo Scipione 1998.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SANTOS GUERRA, Miguel Ángel. **Entre bastidores: el lado oculto de la organización escolar.** Málaga/Espanha: Aljibe, 1991.

SAVIANI, Demerval. **Política Educação no Brasil.** 4ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1999

SAVIANI, Demerval. **Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional,** 2ª ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SCHMOLINSKY, Gerhardt. **Atletismo.** Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

SOARES, Carmem Lucia, Tafarel, Celi, Nelza Zulke, VARJAL, Elizabeth et al.. **Metodologia do ensino de Educação Física.** SP; Cortez, 1992.

SOUZA, João F. **Uma pedagogia da revolução.** SP; Cortez/Autores Associados, 1987.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico.** *Contemporaneidade e Educação*. Ano V, No. 7, 1º Semestre de 2000 (2000a). pp. 93 a 110.

Reportagens de Jornal.

As veias abertas Gazeta do Povo Caderno de Esportes Domingo 03 abril 2005

Brasileirão 2005 Gazeta do Povo Caderno de Esportes Domingo 23 abril 2005

Páginas de internet.

www.antidrogas.com.br em 10/11/2005

www.adapar.com (Amigos do Paraná Clube) várias visitas desde junho de 2005 até a data de entrega deste trabalho.

www.paranaclube.com.br várias visitas desde junho de 2005 até a data de entrega deste trabalho.

www.vilacapanema.com.br várias visitas desde junho de 2005 até a data de entrega deste trabalho.

www.ibge.gov.br em 10/11/2005.

Vídeo.

Palestra do professor Valsiner sobre **Vygotsky, vida e história.** patrocinada pelo Projeto Araucária.

12. Anexos

Anexo 1



Curitiba, 23 de janeiro de 2006

À direção da Escola.....

Senhor (a) diretor (a), por meio desta estamos convidando a instituição de ensino que o/a Senhor (a) representa para disputar a **I Copa Paraná Clube de Futsal Inter-colegial de Curitiba** a ser realizada em nossa capital no período de 01/04/2006 a 26/11/2006.

Estarão em disputa as seguintes modalidades:

- Juvenil, masculino e feminino, nascidos até 1989/90;
- Infanto-Juvenil, masculino e feminino, nascidos até 1991;
- Infantil, masculino e feminino, nascidos até 1992/93;
- Mirim, masculino e feminino, nascidos até 1994/95;
- Pré-Mirim masculino e feminino, nascidos até 1996/97;
- Fraldinha masculino e feminino, nascidos até 1998/99.

Para que um atleta tenha condição de jogo, além dos exames médicos será exigido que tenha todas as notas acima ou igual à média estabelecida pela instituição de ensino, pois esta é a proposta do PROGRAMA EU SOU 10 (formando atletas 10 e também cidadãos nota 10)

Será cobrada uma taxa de R\$ 5,00 por atleta, revertida para premiação e organização.

Maiores informações estarão disponíveis no site www.paranaclube.com.br

Antecipadamente agradecemos a atenção dispensada e aguardamos uma resposta até o próximo 17/02/2006.

A organização.

